

DEVIRES-QUILOMBISMOS DO CINEMA NEGRO NO DISPOSITIVO-ATLAS

Arthur Pereira Santos
Instituto Federal Macaé – IFF-MACAÉ
arthurgeouff@yahoo.com.br

Autor2 (se houver)
Instituição de Vínculo
e-mail

Autor3 (se houver)
Instituição de Vínculo
e-mail

Resumo

O artigo consiste na produção com e a partir de imagens e palavras provenientes do(s) cinema(s) negro(s) e do(s) cinema(s) negro(s) nas geografias e nas histórias do Brasil organizadas em um eixo temático: devires-quilombismos do cinema negro no/do dispositivo-atlas. O desenvolvimento do trabalho passará por uma análise crítica imanente aos filmes e a composição/montagem de quadros a partir das imagens e palavras retiradas das obras: Óna (2014) do Coletivo Crua, Kbelá (2015) de Yasmin Tainá e Afronte (2017) de Bruno Victor e Marcus Azevedo, e outras que direta ou indiretamente podem ajudar na elucidação da temática. O resultado passa pela exposição do modo como o dispositivo-Atlas pode ser agenciado coletivamente como ferramenta que potencializa a ideia de quilombismo na educação visual e espacial do olhar.

Palavras Chave: devir; quilombismo; cinema; atlas; negro.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aparece como recorte do projeto de pesquisa do “Atlas Contra-colonial do/no Cinema Negro na América Latina e África”. O projeto busca mapear e difundir a produção cinematográfica de artistas negros ao redor do mundo, a partir de um recorte geográfico anticolonialista, além de ser uma iniciativa do coletivo Cineclube OJÚLORÍ no IFF-Macaé. O objetivo do Atlas do Cinema Negro é dar visibilidade ao trabalho desses artistas e promover a diversidade e inclusão no cinema na escola partindo da realidade brasileira. O projeto consiste na montagem de mapa interativo que mostra a localização e informações sobre filmes produzidos por cineastas negras/os em diversos países, além de perfis desses artistas e críticas construídas pelos estudantes do Instituto Federal de Macaé. O Atlas Contra-colonial do

Cinema Negro é uma importante ferramenta para o fortalecimento e valorização da cultura negra, além de ser uma oportunidade de acesso a obras cinematográficas que muitas vezes não têm espaço nos circuitos comerciais tradicionais.

O momento introdutório do artigo é o da discussão da questão geral que o fundamenta, ou seja, das múltiplas espacialidades e temporalidades do(s) cinema(s) negro(s) e do(s) cinema(s) negro(s) nas geografias e nas histórias do Brasil organizadas em um eixo temático: devires-quilombismos do cinema negro no/do dispositivo atlas. O desenvolvimento é a análise crítica imanente dos filmes e a composição/montagem de quadros a partir das imagens e palavras retiradas das obras: Óna (2014) do Coletivo Crua, Kbelá (2015) de Yasmin Tainá e Afronte (2017) de Bruno Victor e Marcus Azevedo e outras que direta ou indiretamente podem ajudar na elucidação da temática. O resultado passa pela exposição do modo como o dispositivo-Atlas pode ser agenciado coletivamente como ferramenta didático-pedagógica que potencializa a ideia de quilombismo na educação visual, espacial e estética dos olhares.

DESENVOLVIMENTO

O objetivo geral do artigo é analisar alguns curtas implicados a ideia de cinema negro brasileiro e relacionar a ideia de Atlas visto como simulacro corpóreo-discursivo-territorial, por meio de filmes que colocam em relevo, ao mesmo tempo, dimensões da corporeidade negra, os modos como determinados dizeres são produzidos sobre e pela/os as/os negra/os e as suas paisagens existenciais. A ideia de cinema negro, ainda que em construção (ou em disputa) terá como base alguns tópicos presentes no Dogma da Feijoada de Jeferson De (2005): o filme dirigido por negras/os; protagonistas negros; temática relacionadas a cultura negra e que se evite a temática do herói ou do bandido. Os objetivos específicos são: fazer a análise imanente as obras; e tecer algumas notas sobre um modo de expressão contracolonial do Atlas, aqui tratado por e a partir do encontro com uma filmografia negra brasileira seleta.

Foge ao escopo do presente projeto narrar os pormenores, as inefáveis sensações e os questionamentos disparados através do encontro com a imagem-força do dispositivo “Atlas”, mas as súbitas perguntas que nos atravessaram, aparecem na temática geral e abrem o projeto

são: quais usos do dispositivo Atlas podem ser acionados para se pensar_e_fazer geografia (e educação) em diálogo com o cinema negro? De que modo acionar as forças desse simulacro discursivo-corpóreo-territorial na construção de uma práxis geográfica visual/textual libertária e emancipatória, pensada paradoxalmente a partir da apresentação formal daquilo que Atlas ~~é~~, ~~não-é~~, e pode vir a ser? Deixemos tais questões em estado de espera e vamos tecer breves considerações a respeito das ideias presentes no título.

Conforme diz Beatriz no filme “Ori¹” (1989) de Raquel Berger o corpo é (e devir) quilombo e o quilombo é o espaço geográfico (transmigratório) onde o humano tem a sensação (poética espacial) do oceano e, acrescentaríamos, do céu e da terra que nos habitam. Ela também afirma que trajetórias transatlânticas são marcadas por três dimensões da experiência trágica que são resgatadas e ressignificadas além-mar: do sofrer, da perda da imagem e do exílio. Partilhamos também das ideias de Beatriz Nascimento quando afirma ser a África a verdadeira Atlântida do nosso mito, de um continente e um povo-porvir soterrados e desconhecidos ainda em busca de responder a duas questões fundamentais: quem é quilombo e o que é o quilombo hoje? Vasconcellos (2021) afirma que o quilombismo não é apenas um momento histórico do Brasil ou mesmo uma ideia que se perdeu. Trata-se, antes disso, de uma força motriz do Povo Preto (negrxs/indígenas). Foi e é contrapoder e campo de lutas ao extermínio necropolítico de negrxs e indígenas. E, ainda, Abdias do Nascimento nos ajuda a entender o conceito e a sua atualidade no “ABC do quilombismo” como complexo de significações ou práxis afrobrasileira (NASCIMENTO, 1980, p. 255). É a partir dessas referências e da seleção de algumas obras de arte e autores que se pretende desdobrar (e rasurar) “o ABC do quilombismo” pensando-o como devires-quilombismo em termos de modos de r-existências e insistências e práticas estético-políticas dos corpos e paisagens transmutados no modus-Atlas, como lugares-arquivos-armas de luta. Dito de outro modo, as corporeidades e paisagens vistas através, nos intervalos e nas forças “trans” das imagens em movimento podem ser compreendidos como Atlas-menores e armas de autodefesa das minorias implicados num outro modo de pensar-e-fazer Atlas.

¹ Ligação filme: https://www.youtube.com/watch?v=Lvlqfm_cm8&t=3784s - Último acesso: 17/07/2023.

CONCLUSÃO

Atlas diz e materializa incontáveis obras produzidas a serviço dos Estados, empresas multinacionais ou grupos diversificados da sociedade civil, um oceano (Atlântico), uma cordilheira (Atlas, no norte da África), uma coluna arquitetônica antropomórfica (Atlante, presente no Vale dos Templos na Sicília), a parte da coluna do corpo humano que sustenta o crânio, uma cidade-ilha lendária (Atlântida) e um gênero epistêmico do campo da cartografia e da geografia. E, ainda, segundo Didi-Huberman (2010), a partir de um castigo de imobilidade e sofrimento, Atlas passou a denominar uma forma de saber e de produção de conhecimento errante, que atua em limiares da ciência, da arte e da filosofia, borrando suas fronteiras. Eis uma amostra da força inesgotável e polissêmica desse simulacro discursivo_corpóreo_territorial e algumas considerações acerca do objeto e do próprio modo de investigação que será desdobrado através de montagens “imagéticos-palavreiras” (colocadas em tensão com outros modos de grafar o espaço) dos/nos corpos e paisagens das/nas cidades no Brasil. Dito de outro modo, mais que definir o que são os devires-quilombismo do cinema negro no dispositivo-Atlas, a ideia do artigo é trazer para o jogo visualidades negras que muitas vezes não têm espaço nos circuitos comerciais tradicionais e se colocam nos intervalos, nas encruzilhadas e/ou na contramão da produção audiovisual brasileira majoritariamente dominada por brancos da elite nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, Giorgio. **O Amigo, & O que é um dispositivo?** São Paulo: Coleção Grande Temas, 2014.
- AZEVEDO, A. F.; RAMÍREZ, R.; OLIVEIRA JR., W. O. (Orgs.). **Intervalo: entre geografias e cinemas.** v. 2. Braga: Editora da UMINHO, 2015b.
- BENJAMIN, Walter. **O Conceito de crítica de arte no romantismo alemão.** São Paulo, Iluminuras, 2009.
- DE, J. (Org.) **Dogma da feijoada: o cinema negro brasileiro.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia.** Trad.: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias Editora Rio. 1976
- _____. **Imagem-Movimento.** Trad.: Stella Senra. São Paulo. Brasiliense. 1983
- _____. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. **A imagem-tempo.** Trad.: Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- _____. **¿Que és un dispositivo?** In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles et al. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163
- DIDI-Huberman, Georges. Atlas ou Gaia Ciência Inquieta. Portugal: KKYMII – Imago – 2013.
- _____. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex. Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 117-124.
- _____. **Uma história feita por mãos negras. Relações raciais, quilombos e movimentos.** Org. Alex Ratts; Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2021.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de. **Chuva de Cinema - Natureza e Cultura urbanas.** 162 p. Tese (Doutorado em Educação). Campinas - SP: Universidade Estadual de Campinas - SP, 1999.
- _____. **Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. Proposições** (UNICAMP. Impresso), v. 20, p. 7-19, 2009.
- _____. **O cinema como diferença na linguagem do ensino de geografia: uma cartografia provisória.** REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA, v. 10, p. 45-66, 2020.
- OLIVEIRA Jr., W. M.; NUNES, Flavia Gasparoti; GIRARDI, Gisele. **As telas da escola: cinema e professores de geografia perguntas e reflexões em torno de uma pesquisa.** ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP v.23 n.2 p. 293-314 abr./jun.2021.
- SANTOS, Antonio Bispo (Negô Bispo). **Colonização, Quilombos modos e significados.** Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI- UNB, Brasília, 2015.
- SANTOS, Arthur P. **Notas Introdutórias Sobre Geografia e Cinema – A Construção do Imaginário da Cidade do Rio de Janeiro na Cidade de Deus e no Edifício Master.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia Universidade Federal Fluminense. Programa de Geografia Ordenamento Territorial Urbano e Regional. Niterói, 2015.